

**MULHERES, CIÊNCIAS E ETNICIDADES NO ENSINO SUPERIOR:
DIÁLOGOS PREELIMINARES, TAIS CONDIÇÕES**

ET 17 - Gênero, Raça, Etnia e Sexualidade na Formação Docente

Fabiana Correia Moura ¹
Erlania Oliveira Rocha ²
Talamira Taita Rodrigues Brito ³

RESUMO

As pesquisas contemporâneas desenvolvidas por mulheres agremiadas aos movimentos negros denunciam o “*epistemicídio*” como mecanismo de colonização e negação da cultura e da ciência dos povos africanos, asiáticos e indígenas. Estes estudos discutem sobre as concepções de ciência moderna, pós-moderna, dominação histórica, política e epistemológica. Na mesma tônica do debate, os trabalhos de professoras universitárias agremiadas ao feminismo negro e outros movimentos de mulheres problematizam temas como: gênero, ciência, racismo científico, sexismo. Estes temas são considerados por estudiosos/estudiosas como elementos fundantes do patriarcado associado moralidade heteronormativa. Seus efeitos reproduzem a lógica de objetificação da vida e história de mulheres não brancas. Os processos históricos de genocídio/etnocídio e epistemicídio, estabeleceram entraves ao acesso de mulheres negras/não-brancas às carreiras científicas, principalmente no âmbito das ciências exatas da natureza, campos fortemente marcados pelo positivismo lógico, denominado de “ciências duras.” Partindo do exposto, este ensaio toma como objetivo apresentar um breve panorama/análise das pesquisas com enfoque em descritores como: “mulheres” “raça” “ciências”. Partindo deste sobrevoo sobre o cenário, propomos disparar reflexões sobre (in)visibilidade, empoderamento, racismo, consciência feminista pontuando aproximações e distanciamentos entre as múltiplas vertentes dos movimentos de mulheres. Espera-se que este estudo contribua com o campo teórico dos estudos de gênero/raça e mulheres negras nas ciências

Palavras – chave: Mulheres negras; ciências; gênero; racismo; pesquisa;

¹ Doutoranda em Educação Científica e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB – Campus Jequié-BA - fabimoura.jequie@gmail.com;

² Mestranda no Programa de Pós - Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB – Campus Jequié-BA, erlania.rocha@gmail.com;

³ Professora Doutora em Educação pela UFU. Docente e Orientadora, do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB – Campus Jequié-BA - taitadoc@gmail.com;

INTRODUÇÃO

A Educação Científica, Formação de Professores e Pesquisa Científica como campos de estudos, reflexões e debates contemporâneos, são permeados por paradigmas epistemológicos, sociológicos críticos ou pós-críticos, sejam estes orientados pelas perspectivas da ciência concebida como moderna ou pós-moderna. As múltiplas narrativas, territórios de disputas carregam as marcas históricas da colonialidade, da exclusão, com interseccionalidades de gênero, raça e classe, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia etc. (COLLINS, 2021).

Na mesma perspectiva interseccional, hooks em 1984, denunciou que a teorização feminista burguesa e elitista não proporcionava acolhimento a pluralidade de vivências e as condições objetivas das mulheres negras escancarando o racismo, a opressão, a cor e o gênero que atingem as margens.

Conforme bell hooks (2019), embora as reformas neoliberais reconheçam em seus pacotes alguns direitos das mulheres, estas conquistas do movimento feminista hegemônico não podem ser confundidas com a erradicação do sistema de dominação, sobretudo, para mulheres negras.

A filósofa, antropóloga e uma das precursoras do movimento feminista negro no Brasil, Gonzales (2020), aponta que a lógica interna dominante do sistema capitalista, desde sua fase monopolista à fase industrial, obstrui o crescimento equilibrado das forças produtivas formando uma massa marginal. A dependência neocolonial perpetua o sistema de mão de obra prisioneira, subalternizada à hegemonia de mercado garantindo a manutenção do lucro e das riquezas concentradas nas mãos do capitalista que por consequência, detém o poder do capital comercial, político e científico. Os mesmos efeitos da lógica dominante incidem nas condições que fomentam o apagamento histórico de mulheres nas ciências ao mesmo tempo limitam o acesso de mulheres aos espaços de poder.

Ao destacar os distintos posicionamentos teóricos para explicar a situação da população de negros e negras em nosso país, Gonzales (2020) destaca que a participação da “população de cor” nos processos políticos do nosso país é mínima. Segundo ela, apesar da seriedade dos teóricos brasileiros em debater as questões raciais, muitos deles

não conseguem escapar das armadilhas da razão ocidental, processos estes que se desdobram no acesso à escolarização, à formação acadêmica e na pós-graduação.

O neocolonialismo cultural e científico, a transposição mecânica de conceituações, as articulações sofisticadas, o “distanciamento científico”, a neutralidade do método ou a “isenção epistêmica” estabelecem paradigmas e racionalidades que consagram a hegemonia do “sujeito universal”, o arquétipo do ato performativo denunciado por Butler (2011) como premissa socialmente imposta pela lógica heteronormativa.

Na mesma guisa do debate, no que concerne a questão étnico-racial e ciência, Gomes (2011) pontua que a consolidação um projeto político de país democrático requer compreensões outras sobre educação, etnicidade, ciência e pesquisa, resgatando as experiências educativas entre povos quilombolas, indígenas, de modo a ampliar a nossa percepção sobre saberes “populares” rompendo com a lógica hierarquizante entre os conhecimentos produzidos academicamente e as vivências distintas dos povos originários/quilombolas.

Partindo de tais pressupostos, é preciso produzir questões que balizem a inserção das mulheres nas ciências, na pesquisa e na pós-graduação. O trabalho publicado por Venturini (2017) sobre a participação das mulheres nas universidades brasileiras, sinaliza que, apesar do rápido processo de inserção das mulheres no ensino superior, tal avanço continua lento em algumas áreas e níveis hierárquicos.

Ainda segundo a pesquisadora supracitada, as mulheres representam a maioria dos concluintes de cursos de graduação e de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), mas, a maior parte dos cargos de docência e na pesquisa continuam sendo ocupados por homens. A inserção das mulheres em posições de prestígio, alto poder decisório e a concessão de bolsas de produtividade em pesquisa também permanecem desproporcionais. Estes números se afunilam com relação a mulheres negras, quilombolas e indígenas.

Carneiro (2018) denuncia que apesar do avanço dos Direitos Humanos, das Políticas Sociais, uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX, que dotou de suposta cientificidade a divisão da humanidade em raças e estabeleceu hierarquia entre elas, conferindo-lhes estatuto de superioridade ou inferioridade naturais. Dessas ideias decorreram e se reproduzem as conhecidas desigualdades sociais que vêm

sendo amplamente divulgadas nos últimos anos no Brasil ao mesmo tempo que escamoteadas pela ideia de uma suposta “democracia racial”.

Na expectativa de contribuir com o debate sobre gênero, ciência e questões étnico-raciais, sobrevoamos a área utilizando os descritores: “*mulheres, raça, gênero, ciência e pesquisa*” pela [Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.](#)

Pressupomos com este estudo, analisar o cenário das pesquisas sobre Mulheres Negras e Ciência, com entrecortes para as questões de gênero/raça e classe, dentre outras. Reconhecemos neste trabalho possibilidades para refletir/problematizar o racismo institucional que atua na objetificação de corpos específicos, colocando mulheres sempre em posições inferiorizadas e invisibilizadas, com agravantes ainda maiores para mulheres negras em virtude da trama sócio-patológica engendrada pelo racismo.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para este breve ensaio foi a revisão de literatura, prática que orienta este trabalho na reflexão sobre seu problema de pesquisa. A revisão de literatura amplia o arsenal de conhecimento produzido sobre o assunto e torna mais claro seu objetivo, podendo até mesmo retornar a questão/problema se esta não estiver bem formulada. O contato com os desenvolvimentos já alcançados por outras pesquisas pode reforçar a necessidade do cumprimento dos objetivos anteriormente propostos ou, pode, ao contrário, torná-lo insignificante em função dos mesmos avanços mencionados (SEVERINO, 2013).

A revisão de literatura oferece subsídios para possíveis teorizações, ou seja, caminhos, meios e modos permeados pelo exercício de compreender, explicar, interpretar. Em suma, propomos com a análise dos textos apresentados, construir relações complexas e dialógicas com o tema em estudo. Neste ensaio, desejamos alcançar *insights* compreensivos para pensar a profissionalidade docente de mulheres negras/não brancas numa sociedade estruturalmente racista, machista e patriarcal.

REFERENCIAL TEÓRICO

Mulheres, Pesquisa e Pós-graduação: Algumas considerações

A população mundial está estatisticamente equalizada entre mulheres e homens, contudo, os dados de pesquisas revelam que esta equidade/igualdade não ocorre na representação na ciência e na tecnologia (RIOS,2021, p. 43)

Tomando como exemplo o Prêmio Nobel de Química/Física/Matemática, a pesquisadora destaca um dado apresentado pela Universidade Federal do Ceará, que desde o início do prêmio em 1901, as mulheres nunca receberam honrarias equiparadas aos os homens. A discrepância na participação delas fica mais evidente se pensarmos que, das 603 edições do prêmio, com 962 laureados entre indivíduos e organizações, apenas 57 mulheres foram premiadas (6% do total), apenas (UFCA,2021).

Este número, é ainda mais reduzido no que diz respeito às mulheres negras, o que nos inquieta a pensar sobre a seguinte questão: O que é ser negro/negra no Brasil? Qual entendimento podemos tecer sobre o conceito de sociológico de *raça*, para melhor situar nossas análises? Munanga (2004) afirma que etimologicamente o conceito de *raça* veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, a conceituação de *raça* foi inicialmente utilizada pela zoologia para classificar as espécies.

Em outros contextos, a pesquisadora Alencar (2021), pontua que para os defensores da ideia de supremacia racial, a *raça* define o indivíduo e suas características, sejam elas intelectuais, sexuais, sociais e morais. A partir desta ideologia de supremacia o racismo pleiteia a existência da superioridade de uma *raça*.

Deste modo, a trama sociológica tecida no apego emocional ao fetiche da “branca” tem sua gênese na hegemonia eurocêntrica, colonialista. Nas sociedades de classes multirraciais/pluriétnicas como o Brasil, a *raça* exerce funções simbólicas, valorativas e estratificadoras. A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe (SANTOS,2011).

Diante dos entendimentos diversos sobre o tema, realizamos o levantamento de alguns estudos, analisamos alguns trabalhos mapeados a partir dos descritores “mulheres, gênero, *raça* e ciência”. As dissertações e teses tomadas para esta revisão, apontam para um cenário promissor para mulheres no âmbito das pesquisas e na pós-graduação, no entanto, a desigualdade de gênero, o racismo, as exclusões ainda são latentes.

Perante a necessidade nos afastar de reducionismos habituais, nos ocupamos em pensar caminhos, maneiras pelas quais o exercício de garimpar territórios já explorados maximize o debate, faça o escrutínio de questões, problematize discursos e abordagens,

com criticidade, em dinâmicas dialéticas e com senso investigativo. A questão debatida por Chassot (2003) em seu livro *A Ciência é Masculina? É sim senhora*, mesmo não partindo/ocupando o seu lugar de fala, é louvável sua preocupação, visto que denuncia que tal inculcação continuada de uma “Ciência” masculina é herança da tradição ancestral, greco-judaíco-cristã.

Destarte, ao abordar sobre a necessidade de uma renovação do Ensino de Ciências, orientados por ideias consensuais pós-positivistas, embora, embasando o debate em epistemologias distintas, estudiosos reclamam a necessidade do senso investigativo, valorização da experiência ontológica, problematização de saberes, ruptura com o dogmatismo cientificista, pensar a ciência como exercício autêntico da construção humana, passivo de equívocos e conflitos geracionais (CACHAPUZ et al, 2005).

Partindo desta provocação sobre a necessidade de um quadro teórico-prático renovado para educação em ciência, precisamos ampliar nossas consciências e descortinar o racismo estrutural em suas múltiplas nuances. Pautar nossas pesquisas e práxis tensionando a desigualdade de gênero, as opressões patriarcais, a lgbtfobia⁴ como elementos que se entrecruzam na realidade de quem ensina, aprende, produz, elabora conhecimento e transpõe didaticamente os saberes, logo, são temáticas que demandam também novas pesquisas, escutas e teorizações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudos e análise preliminares

O quadro a seguir apresenta elementos que consideramos importantes para balizar o diálogo com as pesquisas, conforme os descritores utilizados. Os mergulhos reflexivos elaborados, nos possibilitam certa expansão de nossos entendimentos relacionados às questões de gênero/raça e como as mulheres não brancas são afetadas pelo efeito destas exclusões.

⁴ discriminação, aversão ou ódio, de conteúdo individual ou coletivo, baseado na inferioridade das pessoas LGBTQIA+ em relação à heteronormatividade. Esse termo tende a ser menos conhecido, uma vez que homofobia é frequentemente usado como sinônimo. <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/>

Título	Programa/ Instituição Ano	Palavras-chaves	Objetivo
A Mulher Negra no Ensino Superior: Trajetórias e Desafios	Mestrado em Educação e Contemporaneidade/UNEB, 2013.	Mulheres negras. Gênero. Raça. Cotas. Universidade	Compreender o que representou a política de cotas raciais para as mulheres negras que lograram ingressar em cursos de elevado prestígio social na Universidade Federal da Bahia, tomando como recorte comparativo os anos de 2006 e 2010.
Dos navios negreiros aos porões da democracia: olhares de mulheres negras sobre a construção de uma agenda de políticas públicas no Brasil, de Belo Horizonte – MG a Salvador – BA	Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres Gênero e Feminismo/UFBA,2016.	Gênero; Feminismo negro; Políticas Públicas; Mulheres negras;	Analisar a participação social das mulheres negras nas três primeiras conferências nacionais de políticas públicas para as mulheres no Brasil. analisar os discursos produzidos pelas mulheres negras participantes desses momentos políticos, mulheres negras desde Belo Horizonte- MG e Salvador- BA.
Trajetória profissional de negras docentes na Universidade de Brasília	Mestrado em Sociologia/UNB, 2019	mulheres negras, trajetória profissional, docência, Universidade de Brasília.	compreender como as mulheres negras conquistaram a carreira docente na instituição.
Sobre nós, mulheres negras na escola: um estudo sobre relações raciais e perspectiva decolonial de educação	Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica/UERJ,2016	Autobiografia; Relações Raciais; Mulheres Negras;	Observar os processos de construção identitária na escola a partir da construção e desenvolvimento das práticas pedagógicas e, sobretudo de praticantes/docentes. Apresentar o registro de práticas pedagógicas de caráter autobiográfico para pensar práticas emancipatórias no ensino;
Mulheres negras, doutoras, teóricas e professoras universitárias: desafios e conquistas	Doutorado em Educação/Universidade Federal do Ceará, 2017	Professoras negras; Racismo; Ensino superior	analisar a trajetória profissional de docentes negras e doutoras, que atuam em universidades públicas do Ceará
Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de silêncios	Mestrado em Educação/Universidade do Rio dos Sinos.	Educação; trajetórias; professoras negras; lésbicas;	Analisar as trajetórias de professoras negras lésbicas do sul do Brasil, atuantes no ensino público e sua (in)visibilidade no espaço educacional, problematizando cotidianos escolares historicamente marcados por produções monoidentitárias

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

Teccendo um breve panorama sobre os trabalhos apresentados no quadro acima,

pontuamos aqui, alguns aspectos que consideramos relevante para pensar a profissionalidade docente, a construção identitária de mulheres os efeitos do racismo e do sexismo na consolidação do ser professora. Importante informar que existem inúmeras pesquisas conectadas a esta temática, entretanto, foi necessário estabelecer um recorte temporal entre a última década (2012-2022), buscando esmiuçar as que mais se aproximam das questões de gênero/racismos/ciência/pesquisa.

O trabalho desenvolvido por Santos (2013) pontua que a representação desigual dos diferentes grupos raciais quanto ao acesso à educação superior tem sua origem na forma como se deu o processo civilizatório, baseado na expropriação de direitos de um grupo em favor de outro, se desenvolvendo, mais tarde, o pensamento e difusão de ideias que davam conta de justificar as hierarquias raciais a partir da atribuição de um conjunto de significados morais e intelectuais, às características fenotípicas e biológicas dos seres humanos.

Segundo a mesma autora, as ações afirmativas e as Políticas de Cotas Raciais, foram cruciais para oportunizar mais acessos para homens e mulheres negras, contudo, as estatísticas evidenciam o quanto a problemática e as dificuldades enfrentadas por mulheres não brancas, pobres e periféricas reafirmam o quanto gênero e raça são marcadores de exclusão de mulheres negras.

Outrossim, Assis (2021), denuncia a necessidade de olhares genderizados e racializados sobra participação social de mulheres não apenas na ação política, mas, sobretudo, na gestão de Projetos e Programas de pesquisa científica e no acesso as bolsas de produtividade. O estudo de Silva (2019) destaca que o enfrentamento à desigualdade de gênero/raça nas instituições públicas de Ensino Superior perpassa pela disposição ao diálogo, à realização de conferências, seminários e encaminhamentos formais de documentos que pactuem com a ampliação das Políticas de Ações Afirmativas.

Na mesma perspectiva, porém, discutindo a pauta no espaço de escolarização, ou seja, a Educação Básica, Oliveira (2016), ressalta o quanto a gestão da escola e desenvolvimento de práticas pedagógicas que tragam as questões sociais atravessadas pelos marcadores de raça e gênero, ampliam consciências e corroboram para efetividade dos processos emancipatórios.

Partindo deste aporte teórico e da experiência concreta, o trabalho de Silva (2020), observou aspectos do protagonismo das professoras negras lésbicas,

possibilitando a restauração de compreensões teóricas do feminismo negro lésbico inexploradas. Segundo ele, tais mulheres, ressignificam o lugar de exclusão e o convertem em espaço de luta, de experiências emancipatórias e em cenário para pensamentos teóricos e produção de conhecimento. Por fim, Euclides (2017), ao desenvolver uma pesquisa autobiográfica entrelaçada com narrativas outras de mulheres negras, professoras universitárias nos provoca com a seguinte reflexão:

O que é ciência em espaços territorialmente distintos e com seus privilégios também diferenciados? Qual o objetivo do conhecimento se não o de compreendermos a nós mesmos e ao mundo à nossa volta? Pensar a presença destas mulheres na academia é pensar novos sujeitos, novas pesquisas, novos desafios para se pensar a igualdade e a diversidade nos espaços acadêmicos. Podemos escrever nossa própria história, pontuando nossos dilemas, trazendo para a ciência o nosso lugar e reivindicando nossa autonomia e o direito de sermos reconhecidas como tais: quer seja militantes, escritoras, educadoras, poetisas, cantoras, ou o que o mundo nos possa permitir. Talvez seja necessário falar de experiências de insurgência (EUCLIDES, 2017,p.213).

As pesquisas evidenciam a necessidade de ampliar o debate, portanto, a pesquisa, divulgação científica emergem como possibilidades de problematização da questão gênero/raça/ciência lançando possibilidades de escutas/narrativas/produções em lugares, contextos diversos neste país. Nutrimos o desejo que nossas buscas por respostas possam evidenciar percursos, revolver narrativas, desenterrar memórias. Que na busca por saber, entender, maturar a pauta étnico-racial e de gênero nas ciências, encontremos maneiras de refletir sobre nossos próprios percursos, arranjos discursivos, posturas e tomada de decisões e formulação de Políticas Públicas e ações afirmativas.

As insurgências podem ser forjadas na ação dialógica, no debate, na proposição de encaminhamentos formais, mas, principalmente na luta de classes, que perpassa por nossa ocupação nos espaços de poder e representatividade, por mais mulheres negras, indígenas e periféricas nas Ciências, produzindo, sendo valorizadas, recebendo as condições objetivas para além da sobrevivência, pluralizando as experiências acadêmicas e a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio buscamos apresentar um breve panorama sobre algumas pesquisas com enfoque em descritores como: "mulheres", "raça" e "ciências". trazendo reflexões sobre (in)visibilidade, empoderamento, racismo, consciência feminista.

Em virtude dos fatos mencionados, das pesquisas revisadas, é notório a importância de sobrevoar o campo de forma mais aprofundada para problematizar temas tão relevantes para formulação e ampliação de políticas públicas que subvertam a lógica perversa do capital, que relega as mulheres negras/não brancas à base da pirâmide econômica, em sua maioria, em condições de vulnerabilidade e profundas desigualdades. Estes estudos nos encorajam na luta pela ocupação dos espaços, garantia dos nossos direitos e representatividade

Levando em consideração estes aspectos, os trabalhos analisados neste ensaio evidenciam a problemática camuflada por uma suposta democracia racial. Abrimos um caminho neste paralelo entre o que nos foi/é negado, ainda atualmente, bem como, o que já conquistamos e o que ainda vamos desbravar.

Dado ao exposto, podemos notar o avanço das mulheres “amefricanas” (GONZALES,2020) ocupando diferentes espaços nas Universidades, na economia, na política, nas empresas, contudo, precisamos avançar. Esta representatividade produz em nossas travessias ânimo, esperança, principalmente forças para continuar na luta.

As supracitadas pesquisas nos levam a reconhecer e compreender a importância dos movimentos de mulheres, dos feminismos em sua pluralidade, dos movimentos de trabalhadoras do campo, movimentos negros/sociais, em geral. Estas teses e dissertações denunciam a violência racista e patriarcal que silenciam e invisibilizam mulheres, principalmente, mulheres negras/não brancas segregadas no curso da História da Ciência. Evidenciam também como o apagamento é operacionalizado impactando o acesso e as relações de poder truncadas pelo racismo estrutural/institucional. Os estudos nos permitem apostar no fortalecimento das redes colaborativas, nas pesquisas autobiográficas, na reconstrução de memórias e experiências na diversidade como lastro para o debate e para ação política.

Em suma, este breve ensaio elucida a necessidade de novas pesquisas, de ampliação do debate com este recorte. Estes escritos reflexivos nos provocam a ressignificar posturas, discursos e agendas para a construção de trabalhos/teorizações/ ou pensamentos epistêmicos, interseccionados pelos marcadores de gênero, raça, etnia, classe, dentre outros, de modo a reconstruir dinâmicas de formação para e pela docência.

Precisamos construir em redes dialógicas, ações propositivas, encaminhamentos que vislumbrem ultrapassar os liames do capital e crie novos fundamentos para situar elementos como: formação, trabalho e identidades docentes pautando transformações geracionais que alcancem o hoje e o futuro do desenvolvimento de profissional pessoas na escola, na universidade e na formação de ser/gentes constituídos de humanidade. Almejamos no movimento de tecer/pesquisar o encontro da força, coragem, disposição, acolhimento, respeito, afetividade, espírito colaborativo, cooperação, correlação de forças em horizontalidade e circularidade. Reconhecemos, portanto, que a pesquisa em educação, legada por Paulo Freire, é uma ação política no mundo e com o mundo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Yohana Maria M. Augusto de. **Racismo, Identidade e Formação Profissional: Trajetória de Vidas de Mulheres Negras na Docência do Ensino Superior.** Dissertação de Mestrado – UNILEÃO - Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte-CE, 2021.

ASSIS, Dayane Nayara C. de (Nzinga Mbandi). **Dos navios negreiros aos porões da democracia: Olhares de mulheres negras sobre a construção de uma agenda de políticas públicas de Belo Horizonte/MG a Salvador/BA.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - NEIM. Salvador, 2016.

BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.** In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Letramento, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do outro como não-ser Como fundamento Do Ser.** 2005. 339 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHASSOT, Attico Inácio. **A Ciência é masculina? É sim, senhora!** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. (Coleção Aldus 16)

COLLINS, Patricia Hill **Interseccionalidade** tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021

CUNHA, Neon Oliveira, LIAMAR, DIAS, Jussara PRESTES Clélia (org.) **Enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental –** São Paulo. Instituto AMMA Psique e Negritude & Dandara Editora, 2022

EUCLIDES, Maria Simone. **Mulheres negras, doutoras, teóricas e professoras universitárias: desafios e conquistas.** 2017. 254f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório.** In: FONSECA, Marcus Vinicius; et. al (Orgs.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil.* Belo Horizonte: MAZZO, 2011. p.39-59.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020

hooks, bell. **Teoria Feminista: Da margem ao centro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. Brasília: MEC/SECAD, 2004.

NASCIMENTO, Tainah Mota do. **Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de silêncios.** Dissertação de Mestrado – (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS) São Leopoldo, 2020.

OLIVEIRA, Célia Regina Cristo de. **Sobre nós, mulheres negras na escola: um estudo sobre relações raciais e perspectiva decolonial de educação.** 2016. 127 f. **Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica - CAP UERJ)** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RIOS, Elane Nardotto. **Manuscritos Feministas-Femininos.** Salvador, EDIFBA, 2020

Santos, Carlinda Moreira dos. **A mulher negra no ensino superior: trajetórias e desafios / Carlinda Moreira dos Santos.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I UNEB - Salvador, 2013.

Severino Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico-- 1. ed. - - São Paulo : Cortez, 2013.

SILVA, Érika Costa. **Trajetória profissional de mulheres negras docentes na Universidade de Brasília (UnB): estratégias e resistências.** 2019. 101 f., il. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2019

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VENTURINI, Anna Carolina, **A Presença das Mulheres nas Universidades Brasileiras: Um panorama de Desigualdade.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X